MOviMENTO

ÓRGÃO DO CENTRO ACADÊMICO XI DE FEVEREIRO — CAXIF

Numero 2 | Setembro de 1968 | NcrS 0,20

Editorial

Vimos aqui, mais uma vêz, salientar a necessidade de um trabalho conjunto — de todos e por todos — no sentido de produzir mais e melhor.

A situação atual — nacional e mundial — exige engajamento e muito trabalho... E êste jornal não tem e não teve o apôio que merece. As pessoas parecem "cair aos pedaços", quase morrer diante da necessidade de colaborar e, mais deploràvelmente ainda, não entendem, não aceitam nosso trabalho como algo de frutífero, de realizável, em têrmos de esclarecimento, de "abrir cabeças".

É preciso despertar, é preciso ter a certeza de que ninguém faz jornal a trôco de nada! Todavia, compreendemos e esperamos que essa compreensão seja suplantada pela visão do produto do nosso preconizado trabalho conjunto.

Infelizmente, entretanto, estamos dormindo, furiosamente. Temos um meio estudantil que vem à escola para obter a frequência de uma aula que não assiste. Temos um meio estudantil que, tristemente para todos e, em especial, para o país, não quer nada com nada. Enfim, fazemos greve para que possamos ficar em casa e dormir até o meio-dia, para que possamos nada fazer ou viajar para o interior. E os nossos líderes, coitados, êles que se danem, que trabalhem sòzinhos, que entendam, que estudem, que representem êsse meio estudantil. Ainda bem que existe gente que se responsabiliza; ainda bem que existe uma cúpula que faz greve conscientemente; que conhece os problemas nacionais e faz valer seus direitos quando necessário — mas ninguém entende, todo mundo quer passear.

Esta é a verdadeira realidade. Nosso Diretório Acadêmico não tem quem por êle trabalhe. Mas, todo mundo quer usufruir, acham que o Diretório tem deveres; não vêem ,entretanto, seus próprios deveres, e os direitos do Diretório. É muito fácil dizer que se faz alguma coisa e desaparecer na hora do trabalho, na hora da reunião da Diretoria. É o que falta; responsabilidade e dedicação; consciência e vontade de produzir alguma coisa.

Realizar-se-á, em breve, o 30º Congresso da UNE, agora sim é que mediremos a importância que se dá à representação estudantil. Não a importância que "êles" dão, porque essa nós já conhecemos, mas a importância que nós damos a essa representação.

Assim, esperamos que todos compreendam e aceitem êsse editorial e o que com êle se pretende e que, de forma expressa e eficaz, colaborem para que se tenha um bom jornal e um Diretório excelente, para que se tenha consciência e linha ideológica definida, para que não existam irresponsáveis oportunistas que tomam as rédeas de uma organização estudantil e nada fazem por ela, porque, se não existe o melhor é porque nada fazemos para que êle exista!

A DIREÇÃO

Leia:

Contos

Crônicas

Poesias

Teatro

Tópicos

Contrastes e Confrontos

Manifesto aos Senhores dirigentes desta Nação

Clero reacionário

Etc.

Acervo: Carlos Alberto Antunes Maciel

Tópicos Tópicos Tópicos Tópi

Alguma coisa do que disseram Carpeaux e Cony:

— Essa Reforma Universitária que o govêrno nos pretende dar, não vale nada. Não vai solucionar de maneira alguma o problema da Universidade Brasileira. Isso sem falar na Educação in totum pois: como ter bons universitários com deficiente ensino primário e secundário? Em seguida afirmam êsses intelectuais: "O que precisamos não é de uma reforma da instituição isolada do problema geral, só a Universidade. Mas a única maneira de solucionar êsse problema e todos os outros é uma Revolução. Eis o que é preciso.

— Para os problemas presentes os métodos de saída do subdesenvolvimento não podem ser os tradicionais, os ultrapassados, que nada solucionam, é preciso que sejam novos, revolucionários. E o único caminho, dentro dessa problemática, que Carpeaux e Cony vêem, é o socialismo.

— Quanto ao problema de serem a favor ou contra a violência, disse Otto Maria Carpeaux: "Não que eu aconselhe a violência, mas é que a não-violência também não adianta"; e, Carlos Heitor Cony, por sua vêz: "A violência sempre foi necessária, em tôda a História, para tirar alguém do poder, que dêle não quizesse sair, mas eu, pessoalmente, sou incapaz de matar uma mosca"; e, Cony completou mais tarde: "Não mato dêsde que a môsca não chateie demais..."

—x—

As duas últimas encíclicas papais e a Realidade do Brasil:

"Num país em que se promulgam ordenações desumanamente retrógadas como as atuais leis de imprensa e de segurança nacional — que a qualquer lúcida indignação frente à miséria ou à injustiça logo abrem as guelras medievais de seus tribunais militares — como atender aos apêlos patéticos do papa, quando diz competir aos publicistas "colocar diante dos olhos o esfôrço realizado para promover a mútua ajuda entre os povos, assim como também o espetáculo das misérias que os homens têm a tendência de esquecer para tranquilizar suas consciências"? Num país em que os estudantes são espancados, os livros são apreendidos, os intelectuais são processados e os sindicatos duramente silenciados, como "colocar em estado de alerta a opinião pública e comunicar entusiasmo aos povos", ou "despertar deste a infância o amor para com os povos que vivem na miséria", ou realizar "a entrega completa de cada um, na medida de suas fôrças e de suas possibilidades, à luta contra o subdesenvolvimento", ou denunciar "certas manifestações a que se chamou neocolonialismo, dissimuladas em auxílio financeiro ou assistência técnica, sob a forma de pressões políticas e domínios econômicos, tendo em vista defender ou conquistar uma hegemonia dominadora?"

No entanto, neste govêrno que se apoia em tais aberrações sociais e jurídicas, e em tais atos de violência, ainda houve gente capaz de afirmar que se guia pelos ensinamentos da Populorum Progressio...

—x—

Quanto à Encíclica Humanae Vitae, é importante observar a interpretação de Carpeaux e Cony. Os que, sem análise nenhuma, logo se declaram contrários à encíclica, desde já anotem que, quem menos gostou dela foi a "OEA", pois viu seus planos de contrôle de natalidade através de diversos métodos (talvez até esterilização), serem sabotados pela influência do papa na religiosa América Latina.

Aos países subdesenvolvidos, o meio de resolver os cruciantes problemas de fome, miséria e ignorância ,não é impedir de nascer gente, é, conforme aconselham os dois intelectuais, urgente modificar revolucionàriamente seu sistema econômico, para se desenvolver. Não se solucionará os problemas da América Latina, paliativamente; todo mundo conhece êsse princípio básico.

Pois bem. O contrôle não solucionará o problema latino-americano. É mais uma medida paliativa. Mais uma fuga das verdadeiras soluções.

Só com uma modificação total, um plano socializado global, fornecerá os meios de saída do subdesenvolvimento, do neocolonialismo, da América Latina.

É fácil, portanto, notar-se que sòmente impedir o aumento da população de um país, não significa que êste vá melhorar sua situação.

Não importa aqui, saber-se quais os objetivos que nortearam o papa. O fato é que êle foi realmente contra a vontade de "grandes países", para desaconselhar o uso da pílula.

—x—

O compromisso do escritor Latino-Americano:

"Na realidade, tôda a literatura é uma forma de compromisso com a realidade, no sentido de que pressupõe localização no tempo e no espaço, e reflete ou interpreta de alguma forma a sociedade de sua época. Não obstante, no caso do escritor latino americano, êsse compromisso assume forma particular e mais concreta, fundamentada principalmente em três razões.

Em primeiro lugar, o escritor pertence pela sua própria condição, a uma classe até o momento relegada a um plano secundário, pelo menos, no processo histórico da América Latina; quer dizer, pertence à classe intelectual.

A segunda razão - que o escritor existe em função da comunidade, do povo. Essa regra não é válida só para o escritor latino-americano, senão que se cumpre em tôda a sociedade na qual a função do escritor esteja devidamente entendida. De modo que não pode haver compromisso mais urgente para o escritor do que o de denunciar as causas de sua própria frustração; e ao proceder desta maneira, defende a causa do povo latino-americano.

Em terceiro lugar, o escritor latino-americano, tem a responsabilidade de buscar e interpretar a essência de nosso modo de ser continental, o próprio ser da América Latina.

De modo que a luta contra o colonialismo não é, para os escritores latino-americanos, uma atitude circunstancial, senão uma condição básica de sua votação. A finalidade última do escritor é descobrir, ascender à essência da realidade e de si mesmo — e é inevitável que na América Latina isto significa concretamente sacudir tôdas as influências alienadoras, tanto do ponto de vista cultural como político e econômico".

—x—

Herbert Marcuse, analisando a sociedade capitalista e industrial,

continua na 5a. página

PEQUENINOS... MAS RESOLVEM
OS LIVROS DE BÔLSO DA
DIMAGA Ltda.
JORNAIS E REVISTAS
— Rua Tiradentes, 10 —

Expediente

Diretor:

Carlos Alberto A. Maciél

Redatores:

Rogério Sepetiba
Markian Getúlio Kalinoski
Humberto Pereira
Jaime Sprícigo

Redação:

Centro Acadêmico XI de Fevereiro (CAXIF)
Rua Estêves Júnior, 11 — Fpolis.

Nota:

A Direção não se responsabiliza por conceitos emitidos em artigos assinados.

Acervo: Carlos Alberto Antunes Maciel

Breves considerações sôbre a Encíclica Populorum Progressio e a Doutrina Espírita

Mário Lange de S. Thiago

I — Plano do Trabalho

1. Não é dos mais fáceis o trabalho que nos propusemos desenvolver. Realmente, desde que habituados ao dogmatismo religioso (todos nós), por mais que o procuremos desalojar de nosso plano de referências psíquicas, êle permanece e grande é o esfôrço exigido na planificação de um trabalho verdadeiramente analítico e isento dos rancores quase atávicos da religião. O clima de discórdias, gerado pelos orgulhos e vaidades doutrinárias quantas vêzes tem prejudicado e entorpecido a verdade; quantas vêzes fez soçobrar, durante milênios, gerações inteiras mal informadas e mal educadas a respeito do que lhes tornaria legítimos o esfôrço e o trabalho; quantas palavras mal vertidas ,pelo simples fato de manifestarem interesses imediatos de riqueza e glorificação materiais; quantos gestos mal recebidos pelo conhecimento de sua intenção egoísta, personalista e individualizante, anida que corretos, se puramente identificados; quantas inteligências mal aplicadas pelo mau pêso de sua superioridade.

Nêste nosso trabalho queremos afastar-nos dessas disputas malsãs. Há que construir o edifício teórico apropriado à solução da problemática humana. E isso só se fará possível se os espíritos se desarmarem de suas disputas e preconceitos. É matéria de máxima responsabilidade e que precisa ecoar forte nos ouvidos daquêles que pretendem ingressar no estudo das questões humanas e sociais, com o fito de resolvê-las. Mero diletantismo. aqui é repudiado e recebe o anátema sincero e bravo dos espíritos retos.

Esta introdução quer servir apenas como advertência àquêles que porventur. tragam os espíritos preparados à não aceitação de afirmações, porque assinadas pelo chefe da facção reigiosa que supõe contrária à sua. Que esqueça as divergências geradas no campo prático da aplicação humana e ingresse nêste mundo mais vasto, se bem que preparatório, onde os únicos valôres são os teórico-doutrinários. Não os incito ao esquecimento da "realidade" do mundo, o que seria tôlo, notem bem; mas ao esquecimento temporário de quem teria formulado as idéias que vamos analisar. Critiquemos as idéias por elas mesmas, não pelo seu autor.

2. Queremos, portanto, tratar inicialmente do assunto propôsto em tese e, desde já, se esboça o plano de nosso trabalho. O que visamos? o homem e sua evolução. Veja-se bem! extrapolaremos a idéia particular da Encíclica para o âmbito das soluções em tese, em seguida, em estudo mais restrito, verificaremos o plano da Carta Papal. Desta forma, situemos o assunto: **Problemas humanos.** Que são êles? Dificuldades que se apresentam no caminho da evolução humana, já que a lei de evolução vem sendo universalmente aceita. (Faça-se vista grossa às ilhas involucionistas que os pessimistas, grãos de areia no deserto, procuram construir). Os problemas, por suas características, e para o seu melhor entendimento (ou aprofundamento) podem e devem ser divididos da seguinte forma: problemas individuais e problemas coletivos. Em definições rápidas, precisas e sistemáticas diremos: problemas individuais são aquêles que, embora sendo comuns à coletividade, são gerados por fôrças internas ao ser humano, se bem que sofrendo reflexos de refletindo-se nelas, outras vêzes. Problemas coletivos são aquêles que, abrangendo a humanidade e demonstrando-se nas desigualdades e nas injustiças sócio-econômico-culturais, são gerados por fôrças externas ao ser humano, se bem que sofrendo reflexos de situaç es interiores, por vêzes, e refletindo-se nelas, outras vêzes.

Ainda que sejam perfeitamente se paráveis, fazemos questão em notar que os problemas humanos exercem influências recíprocas uns sôbre os outros. Assim, o indivíduo com a sua ação pode modificar uma situação coletiva, bem como sofrer face a essa situação coletiva influênciações de modo tal a modificar-lhe o pensamento e a atitude.

3. Efetivamente, a problemática existe e os homens, por isso mesmo, atendendo a fôrças positivas de humanidade e progresso, têm procurado por modos vários resolvê-los. Se foramos aqui dissertar sôbre os sistemas propostos, pôsto que são muitos, levaríamos anos nêste trabalho para alcançar-lhe o têrmo final. E, isto se justifica, realmente, por que estas soluções, privadas de viso mais ampla e profunda da realidade universal, normalmente apegadas a ambiência restrita e, mesmo, quando tomadas de cosmovisão, esquecendo fatôres imediatos importantes, careciam de método e progressão, visto que em a natureza nada se faz "ex-abrupto" sem o corrimento de etapas e fases preliminares e de intermédio. Hoje, sim, face às novas conquistas no conhecimento e no domínio da natureza, já se torna possível um planejamento de soluç es mais corretas para as quest es humanas, afora os métodos violentos e radicais, tão comuns, acentuamos, em todo o perpassar da história. É preciso que as soluç es sejam apresentadas em caráter integral, sem o esquecimento de um único fator ou fôrça, caso contrário terão consequências apenas limitadas, impeditivas, como se vê, do progresso social e espiritual. Se bem que, ao nosso ver, fôsse possível teòricamente prescindir de ideologias à solução dos problemas humanos, a história, livro razão da humanidade, tem demonstrado o contrário. Por isso, concordamos em reunir em dois apenas os grupos ideológicos de solução: Espiritualisma e Materialism. Entram em consideração, note-se, sòmente os que, por idéias positivas em relação ao conjunto, se identificam.

O primeiro, Espiritualismo, doutrina mais próxima da verdade, apesar das múltiplas variações, se desgrudou dos primitivos ideais pelos que o defendiam, tornando-se, na medida do tempo, em nôvo fator de problemática. Todavia, adaptando-se para sobreviver, retocando-se ao sabor das modas e das pocas, tem conseguido manter-se e, hoje, joga sua última cartada. A instituição unica qu o caracteriza (antes do Espiritismo) é a religião. Constituiu-se no ópio do povo (salvo raras excessões no tempo e no espaço) pelas soluções apresentadas, bàsicamente místicas, ou: espera da morte para a separação de bons e maus no céu e no inferno — o que é o contrário de uma mentalidade fraterna; ou de que Deus sabe o que faz, levando às acomodações e inércia; ou crença na Providência Divina, etc... Para maior pasmo, até a reencarnação tem sido utilizada nêsse jogo desvirtuador, no sentido de qu enão se pode alterar a ordem preestabelecida.

(Continua no próximo número)

Agencia
«A FORTUNA»
A CASA QUE VENDE MILHÕES
AGORA ÀS QUARTAS E SÁBADOS 500 MILHÕES DA LOTERIA FEDERAL
AGORA UMA FILIAL PARA MELHOR SERVIR
ANEXO: A maior Charataria da Praça
COM GRANDE VARIEDADE DE BIJOUTERIAS
Ruas Felipe Schmidt, 42 e Alvaro de Carvalho

Acervo: Carlos Alberto Antunes Maciel

«FANTASIA IMPROVISO»

Nos áridos desertos de uma destacada cidade dêste nosso século, pisou certa feita, um pastor que nunca exprimentara com intensidade o sabor do rebanho humano.

Com suas passadas seguras, orientado, poder-se-ia dizer, ùnicamente pela experiência espiritual, seguia pelas ruas movimentadas da referida metrópole, mergulhado em sábio silêncio. Tôdas aquelas coisas que ali presenciava já eram de seu conhecimento, embora nunca houvesse estado numa cidade; e se o seu alquebrado e idoso corpo esbarrava com "as luzes" da civilização, certamente que tal choque realizara-se ùnicamente com o consentimento de seu mordaz espírito de camponês.

Num determinado momento estacionou numa pracinha pública para descansar. Ali, ouvindo os roucos mugidos das máquinas, sentindo a febre dos encalorados passantes, comungando com a natural adejância das crianças que por ali passavam, prêso a sua estática posição, num ignorado banco de uma praça de cidade grande, viu as horas passarem.

O estudante de uma faculdade qualquer pousou na calçada após sua infrutífera viagem no reino do agitado pensamento e dispunha-se a respirar o ar sutil de outono, quando o atrativo assento, que já amparava o velho camponês, estendeu um convite ao seu instável e dinâmico corpo entre adolescente e adulto. E, ali sentados, estabeleceram o diálogo o campônio e o estudante. Este último, talvez pelo aspecto expontâneo da conversa, nem reparou que esta assumia dimensões superiores às costumeiras em que vagava, quando em contato com os mestres mais dignos do seu elogio, com os quais convivia.

Lentamente penetraram no terreno religioso. passando o ardoroso jovem a derramar intermináveis indagações que eram acolhidas com respostas que o absorviam por serem banhadas com sabedoria e simplicidade. Perguntou até sôbre o sucesso de uma busca espiritual por parte daquêles que baseiam suas pesquisas nos mitos e lendas legados ao mundo atual por grandes homens e coisas assim...

Àquelas perguntas, o humilde velho respondia de modo inspirado, sempre conservando calma a atitude e sereno o fluir de suas palavras. Quando por exemplo, o rapaz inquiriu se uma motivação mística encontraria apoio em nossa capacidade sensorial de percepção ,o sorridente velho falouque "um atleta só consegue seu intento de levantar um pêso, quando tem os músculos treinados".

Estas respostas despertam mais interêsse no rapaz que despejou mais e mais perguntas no incansável, e paciente receptáculo auditivo do velhote, que às vêzes permanecia em silêncio.

Morria a tarde e apagavam-se os vultos com a anêmica claridade quando o estudante lembrou-se de um encontro muito importante de inadiável realização, naquela noite; e ao despedir-se do simpático velho, perguntou aonde seria possível encontrá-lo novamente, ao que o homem cômicamente respondeu que estaria escondido no seu inocente corpo de estudante até que fôsse descoberto pelo rapaz. Riram bastante e o estudante fêz uma saudação poética ao ocaso quando se separaram.

Quando vênus já se fazia acompanhar de suas nebulosas, na grande cidade não mais se encontrava o camponês que sòmente sairia de seu ninho para um encontro numa tarde de outono.

Nesta noite o estudante dormiu plàcidamente, disposto a suportar o fardo que estranhamente se achara merecedor, assim como tôdo aquêle que, como êle, nascera.

Paulo F. C. Souza

Teatro em pauta

Na minha opinião o bom teatro não morrerá nunca, a menos que se neguem condições mínimas indispensáveis, à sua sobrevivência.

A realidade atual de nosso Estado nêste setor artístico é de entristecer a quem por ventura ao Teatro se dedicar. Sempre gostei de Teatro. Quando possível colaboro para que se desenvolva satisfatòriamente nos nossos meios estudantis. Em Florianópolis o Teatro passa por fases de aparecimento a curto prazo e volta novamente ao caos. Falou-se muito em Teatro nestes últimos meses. O porque deste destaque foram os acontecimentos desagradáveis que ocorreram na nossa única casa de espetáculos. Não falarei mais no assunto porque êle já foi por demais comentado e bla-zla-bla nunca resolveu nada neste país. Os dois orgãos competentes que ainda oferecem alguns espetáculos dignos de ser visto são: O Departamento de Cultura do Estado e o Departamento de Cultura da Reitoria. O primeiro possui verbas minguadas para trazer até aqui companhias que valha a pena. O segundo promove espetáculos com preços proibitivos. É certo que Teatro sempre foi caro e não pode ser feito de outro modo. Mas devemos considerar que o Departamento de Cultura da Reitoria funciona em função do Estudante Universitário. Registro aqui medidas já tomadas por êste último Departamento que poderiam ser consideradas como possíveis solução para o desenvolvimento desta Arte, porém foram medidas que infelizmente não chegaram a se consumar. A vinda de Olavo Saldanha para Florianópolis por contrato da Reitoria foi uma das iniciativas bastante louvável mas não teve a sua consumação. De qualquer forma o que quero deixar claro aqui nesta coluna é que desta maneira não vamos dar solução alguma. Mudar mentalidade que já estão alienadas a estruturas arcaicas é pràticamente impossível. A minha esperança sempre foi a classe estudantil universitária, mas se ela não tem oportunidade de tomar parte integrante das unicas apresentações que aqui aparecem, então o caso é desesperador. Teatro é coisa séria. Como tal deve ser dada atenção que merece. Colegas procurem reivindicar dos orgãos competentes aquilo que êle tem obrigação de nos proporcionar. Um matinés por peça não resolve nada. Precisamos de um movimento autêntico que nos ofereça cursos, palestras e a fundação de grupos universitários que não tenham a forma geográfica de nossa linda Capital.

Na próxima oportunidade divulgaremos aqui, toda a programação do Teatro Alvaro de Carvalho.

Notas

O DAOS (Diretório Acadêmico Oito de Setembro da Faculdade de Filosofia), empossou, dia 26 último, sua nova diretoria, encabeçada pelo colega Jaime Sprícigo. Nossos parabéns à nova equipe e... frutifiquem.

—x—

A Escola de Engenharia e a Faculdade de Ciências Econômicas, por seu turno, também estão com nova diretoria em seus respectivos centros acadêmicos (DAESC e Diretório Acadêmico José Boiteux). A êles, igualmente, nossos parabéns e uma recomendação em nada diferente: frutifiquem.

Acervo: Carlos Alberto Antunes Maciel

Opção

NOIL

O momento é de incerteza,
Hoje, amanhã o ano que vem.
De repente alguém segredou
que definitivamente não existe
solução...
Nem violenta, nem pacífica.

É terrível, não posso acreditar,
Quero lutar, faço agora questão
de morrer se fôr necessário e veja
bem que sou ateu e não quero
ter meu busto em praça pública,
nem em escolas, nem fotos nas repartições.

Disseram que a maior grave utopia
é querer mudar tudo.
Socialismo, expulsar o imperialismo,
fazer o clero trabalhar, estabelecer
a justiça social... não resolve.
O problema é o homem.

Mas... não se concebe isso.
O HOMEM é bom por natureza.
Todos são vítimas da estrutura:
o ladrão, a prostituta, o padre,
o picareta, o pederasta, o próprio demônio.
São o que são por serem obrigados.

Não se iluda meu jovem.
Há milhares de anos que essa
raça de antropoide vem evoluindo
à custa dos milhões sacrificados
pela exploração, pela fome...
Vamos lá. Aceitemos a realidade.
Essas idéias não são alentadoras,

não são verdadeiras; mas...
precisamos acreditar em alguma coisa.
A luta de classes existe.
Os oprimidos devem levantar-se
contra os opressores.

Sim. Muitos idealistas honestos
morrerão nessa luta inglória,
porque amanhã, os filhos dos
oprimidos explorarão os filhos
dos opressores de hoje.
O problema é o homem.

Pensar desta forma é estar numa
posição bastante cômoda.
Os famintos aí estão pedindo
justiça.
É preciso lutar! Cada um deve
dar o seu quinhão.

Lute se quiser. Cansei.
Tudo isso está morto.
A sociedade está podre.
Os vermes construirão uma
nova raça sôbre nossos
cadáveres fétidos.

Não! Estou cansado mas
continuarei lutando.
Você pensa como a classe dominante.
Como os demais lasarentos,
também é um traidor de nossos semelhantes.
Se fôr necessária sua morte, ea virá!

TU!

Talvez teu sexo seja profundo
e em tuas mãos embales o calor do cio
Talvez em teus cabelos, à noite, ondas revoltas
naveguem, sedentas, sensuais figuras
Ou talvez sejas ingênua, e o gemido da tua voz
um lamento triste, porque criança
Mas o teu seio palpita e se acende
quando te beijo o colo ardente
quando teus lábios eu osculo
e no teu ventre eu deponho
o meu desejo a minha tortura
a tua vergonha...
Ingênua?
Teu corpo vibrou ao fluxo do sexo
e a tua bôca destruiu se na minha
e o teu abraço como flôr de sangue
orvalhou-me do meu sêmen
Menina?
Na tua voz tinhas da fêmea a vivência
e no teu seio perfume de madura flôr.

Gilberto A. Rufino
(Ac. de Direito de Blumenau)

Flôres... Vazias?

Gilberto A. Rufino

A vida está vazia porque os homens deixaram embriagar-se pelo sangue... As manhãs estão mais tristes e já não são prenuncios de nada nem de promessas, nem de realidades... Tudo... E então eu louvo às flores e a todos que a elas se assemelham! Mesmo sem pétalas ainda que árvores despidas de flôres eu me emociono quando as vejo entrelaçarem-se os ramos e fôlhas e sofrerem assim unidas os reveses da vida, deixarem-se sòmente enregelarem-se pelo vento do outono e pelo tempestuoso inverno elevando sòmente um cântico unissono evolando-se dentre seus caules e flôres.

Ainda que o causticante verão torne-as estéreis e sedentas permanecem impassíveis e vão se extinguindo sem estardalhaço, lentamente, numa morte só. Não há sangue ,sòmente cadáveres de flôres que são ainda belos no ressequido das suas nervuras... Cadáveres não pútridos, creio que por não alimentarem paixões e pelas suas células, unas, terem permanecido sem se deteriorar sòmente extintas pelo sol e pela chuva... E elas não choram porquanto que sabem sucederem-nas outras, talvez mais belas...

E nada pedem e nem reivindicam... porque não revoltam-se as flôres?

Acervo: Carlos Alberto Antunes Maciel

Tópicos Tópicos Tópicos Tóp

continuação da 2a. pagina

baseado em MARX e FREUD, propõe a hipótese de que, "nas etapas avançadas da sociedade tecnológica, e particularmente na chamada "sociedade opulenta", a agressividade foi levada a um grau e um limite tais, que põe em perigo o próprio desenvolvimento dos instintos vitais e a preservação da sociedade humana." "O fato que enfrentamos é a extensa associação que existe entre a agressão instintiva e a agresso política, ou, em palavras mais simples ainda que um pouco brutais, a relação entre as tendências expansionistas da sociedade opulenta, neocolonialismo, neo-imperialismo, por um lado, e a agressão "normal", por outro.

Analisando finalmente, esta é a associação que há entre a produtividade e a destruição, entre o progresso e a regressão". "Creio que nos setores avançados da atual sociedade industrial a tendência se dirige até um estado de bem-estar total que parece ser inseparável de um estado de guerra".

"A sociedade opulenta poderá manter um alto nível de vida e conservar as novas formas de contrôle sob as quais desaparecem ininterruptamente o valor e o conteúdo da autêntica liberdade humana, atrás do véu da tecnologia, quero dizer, atrás da eleição de bens e serviços que satisfazem na medida em que se reproduz a associação entre o estado de bem estar e o de guerra".

"Há fôrças em ação que talvez no futuro possam romper o círculo vicioso que se coloca entre a produtividade e a destruição, entre o progresso e a regressão. Pois bem, a pergunta é: onde estão estas fôrças? Parece-me que as fôrças de oposição estão na atualidade consideràvelmente ilhadas, carecem de solidariedade internacional, são espontâneas e se mostram desorganizadas em extremo, concentrando-se em dois pólos opostos: o primeiro são os movimentos de libertação nacional que se realizam nos países atrasados; o segundo é a oposição fundamentalmente intelectual que existe nos países industrialmente avançados. Creio que há uma profunda relação entre ambos, mas que não foi, de modo algum transferida à realidade por meio da organização ou da solidariedade".

——x——

Quanto ao "Desafio Americano" de J. J. Servan-Schreiber, que vem tendo especial destaque pela grande imprensa brasileira, é interessante observar a profundidade de análise de Henri Claude, da Revista Economie et Politique, de Paris. Servan-Schreiber, preconiza, que, para a Europa responder ao desafio das grandes emprêsas americanas, é necessário reforçar as emprêsas Européias.

Diz ainda que a nacionalização das emprêsas americanas na Europa, não permitiria escapar a subdesenvolvimento relativo, defendendo, em seguida, o refôrço dos grandes grupos industriais europeus (os monopólios). Aqui, H. Claude ressalta, ser evidente que rejeitando as nacionalizações, acaba-se por acelerar o processo de concentração em escala européia, ora, mas fazendo o jôgo dos monopólios europeus "não se pode lutar sèriamente contra a intromissão dos monopólios americanos". H. Claude afirma: que, "se se deseja evitar o refôrço da dominação dos monopólios americanos ou outros sôbre a Europa e realizar "a Europa dos Povos", impõe-se com tôda a evidência, engajar-se na via da nacionalização democrática de todos os monopólios estrangeiros e franceses que dominem os setores-chave de nossa economia".

——x——

O que diz H. Claude sôbre a Universidade Francêsa, parece-nos identificar-se com o problema da Universidade Brasileira. Vejamos. Na França a indústria e a universidade são dois mundos que se ignoram. "É que a indústria privada trabalha para o lucro capitalista e a universidade para a ciência, de forma desinteressada".

É uma contradição evidente que não existe nos Estados Unidos, onde as universidades estão nas mãos do grande capital e que não se poderia resolver em França senão de duas maneiras: seja nacionalizando a indústria privada, o que colocaria a indústria privada no mesmo plano da Universidade, seja subordinando a Universidade à indústria privada. No primeiro caso, todos os obstáculos objetivos e subjetivos a uma colaboração completa e entusiástica dos universitários com a indústria estariam suprimidos. No segundo caso, seria necessário agir de forma autoritária, logo antidemocrática, sem suprimir as reticências e a oposição dos universitários a trabalhar para enriquecer capitalistas. "É evidentemente nesta via que J. J. Servan-Schreiber se enquadra: "Os laboratórios, os dos ministérios como os da universidade devem considerar "natural" trabalhar sob contratos e em direções determinadas pelos industriais". No entanto afirma H. Claude, com tôda a razão: "Uma política de nacionalização é a única via realista que conduz a uma colaboração estreita e sem contradição entre a Universidade e a grande indústria francêsa".

——x——

O Projeto Rondon no mês de julho levou ao interior de Santa Catarina, mais de duas centenas de estudantes. Vários municípios receberam acaloradamente a presença dos universitários. Em alguns foram feitos sérios levantamentos da realidade local, em todos os setores. Levantamento êste ,que se constituiu em relatório e foi cair nas mãos das autoridades coordenadoras do Projeto.

Discute-se seus reais objetivos. Seu lado positivo e seu lado negativo. Ambos parecem ser claros e evidentes. O que resta saber agora, depois desta experiência realizada com êxtio tão perto de nós, é constatar o real interêsse das autoridades em sentir a verdade dêstes relatórios e tomar as medidas sugeridas, para que êste levantamento não seja atirado simplesmente ao lixo, ou aosarquivos. Serviram êles para demonstrar uma situação real, e às vêzes aflitiva. Não podem portanto, ser como as estatísticas brasileiras, que são deturpadas e nunca utilizadas para encarar os problemas espelhados. Se nada disto fôr feito, o Projeto terá sido em vão, completamente em vão, e desmascarados os objetivos que são perfeitamente conhecidos. Será hora então, de boicotarmos êste intento, pois ficará patenteado que não passa de uma isca de engôdo do govêrno, que jamais se preocupou em oferecer soluções radicais e profundas para a problemática nacional, mais evidente a cada dia que passa.

——x——

"Os grandes são grandes porque os pequenos estão de joelhos". A invasão da Tcheco-Eslováquia é um alerta aos povos submissos. Já é hora de dizerem basta à monstruosa realidade do mundo dividido em dois blocos... Pois não são apenas os russos que usam de fôrça para oprimir os pequenos países... O exemplo da República Dominicana, invadida pelos EUA, é bem recente.

Outro aspecto interessante da invasão, relaciona-se com nossa sofrida pátria. Acontece que o govêrno que hoje brada ao mundo seu repúdio à invasão de Praga, moi o mesmíssimo que, em tempos passados, apoiou militarmente a invasão da República Dominicana... etc., etc....

——x——

Saiu o "ENGEMBRADO", órgão de imprensa da Escola de Engenharia, nossos parabéns ao pessoal... Mas, aquí vai uma crítica: o jornal está merecendo um esfôrço para melhorar o nível, "tá?". Entretanto, bendizemos sua iniciativa e esperamos que o jornal continue, sempre melhorando, o que é o ideal.

——x——

O Jornal da UNE também já está circulando, uma beleza, mas, não está lá essas coisas, notamos umas e outras "puxadas" e sem apresentar nada de diferente; a temática é sempre a mesma, as palavras são sempre as mesmas, etc., etc. Enfim, o que se espera mesmo nunca vem: ação! Os protestos são inúmeros, os atos quase inválidos, pois, não sendo reconhecidos, são fàcilmente abafados... E, enquanto o M. E. se faz nas ruas (o que é muito certo, mas se poderia fazer muito mais e melhor), o Brasil continua com 50% de analfabetos...

Acervo: Carlos Alberto Antunes Maciel

Contrastes e Confrontos

1) — Foi oficialmente recentemente, nesta casa de ensino superior, o nôvo regimento interno. Considerando-se que a escola foi feita para o aluno, porque não foi respeitada a vontade de 90% (noventa por cento) dos alunos desta faculdade que eram contrários à instalação daquêle regimento?

2) — Quais as vantagens e desvantagens do nôvo regimento? qual o grande êrro do regimento anterior que o levou ao desaparecimento?

RESPOSTAS:

1) — O nôvo Regimento foi aprovado pela Congregação em data de 4 de julho de 1966. À sessão compareceram também os representantes do corpo discente, que deram seu voto favorável.

Se, atualmente, existe discordância entre os alunos, parece-me que o caminho a seguir será a sua modificação, o que poderá ocorrer "por proposta do Diretor, do Conselho Departamental, ou de, pelo menos, dez membros da Congregação, submetida esta a aprovação por dois terços, em primeira convocação e, por maioria absoluta, em segunda convocação, "ad referendum" do Conselho Federal de Educação", segundo preceitua o art. 214 do mesmo Regimento.

2) — No que concerne ao regime didático (ponto que, a nosso ver interessa mais de perto aos estudantes), a grande vantagem do nôvo Regimento sôbre o anterior reside exatamente na maior objetividade quanto à apuração de conhecimento. Em vez de sortear um ponto do programa e sôbre êle elaborar três teses, confiando demais na sorte ou talvêz no "azar", o professor fará no mínimo dez perguntas sôbre tôda a matéria lecionada no semestre. Também a introdução do trabalho anual escrito se me afigura de grande proveito para o aluno, habituando-o, desde cedo, à pesquisa e ao estudo sério. D eoutro lado, entendemos que constitui uma "desvantagem" o grande número de trabalhos que o estudante é obrigado a fazer. Em vez de quatro ou cinco trabalhos escritos, cremos que seria muito mais conveniente que se exigisse apenas um. Dessa forma haveria mais tempo e, consequentemente, os alunos poderiam apresentar obra mais competa e melhor.

Prof. Waldemiro Cascaes

1) — Foi oficializado recentemente. nesta casa de ensino superior, o novo regimento interno. Considerando-se ser a escola feita para o aluno, porque não foi respeitada a vontade de 90% (noventa por cento) dos alunos que eram contrários à instalação daquele regimento?

2) — Quais as vantagens e desvantagens daquele regimento? Qual o grande êrro do regimento anterior, que o levou ao desaparecimento?

Antes, vamos esclarecer o assunto. Da elaboração do Regimento Interno, recentemente aprovado pelo Conselho Federal de Educação, participou a representação estudantil da Faculdade, aprovando-o e decidindo pela sua aplicação imediata.

Mais tarde, surgiram os mandados de segurança, concedidos em primeira instância judiciária, por faltar ao nosso regimento a necessária aprovação do Conselho Federal de Educação.

Tal, criou, de fato, um problema: a existência de dois sistemas de aferição de conhecimento.

Conseqüentemente, os reprovados nos têrmos do novo Regimento, através dos mandados de segurança, vinham, ou poderiam vir, submeter-se as provas elaboradas na forma prevista pelo Regimento Interno antigo.

Daí, o debater-se sôbre qual dos dois regimentos estava, realmente, em vigor. Esta discussão foi superada definitivamente pela Resolução do Conselho Federal de Educação, aprovando o nôvo Regimento Interno.

Quanto a opinião dos 90%, foi expedida, creio, tendo por base a situação exposta: coexistência de dois Regimentos.

Consultados, hoje, sôbre qual o melhor sistema de aferição de conhecimento, se o anterior ou o atual, não tenho dúvidas em afirmar que mais de 90% optariam pelo segundo. Basta confrontar:

1º — SISTEMA ANTIGO

a) duas provas subjetivas, parciais, compostas por três questões, versando tôdas sôbre o mesmo ponto sorteado;

b) prova oral, para os que não tivessem obtido média 7.

2º — SISTEMA ATUAL

a) duas provas objetivas, parciais, compostas por, no mínimo, 10 questões, versando sôbre tôda matéria lecionada no semestre;

b) exercícios objetivos. bimensais ou mensais, seminários, debates orientados, estágios preconizados pelo professor e aprovados pela Congregação, no início de cada ano letivo;

c) elaboração e defesa de trabalho.

O novo Regimento Interno, elaborado por fôrça e em consonância à legislação vigente, é sensìvelmente melhor que o anterior.

Quanto à primeira pergunta, para respondê-la diretamente, devemos acrescentar que a vigência do Regimento Interno da Faculdade dependia de julgamento do Tribunal Federal de Recursos, ao apreciar, em 2a. instância, os mandados de segurança dos alunos, ou da aprovação do Conselho Federal de Educação. Não se tratava, portanto, de respeitar ou não a vontade dos 90%.

Quanto à segunda pergunta, basta repetir que o Regimento Interno foi elaborado dentro de prazos estabelecidos, com a participação estudantil, por exigência de legislação ainda em vigôr.

Quanto ao mais, realmente, a escola é feita para o aluno. razão pela qual todos devem usufruí-la, a começar pela Biblioteca, pois o prazo, improrrogável, para entrega dos trabalhos termina dia 30 de setembro.

Prof. Márcio Collaço

Notas

continuação da 8a. página

ra do livro "Ela e a Reclusão", também proferiu palestra a respeito daquela obra, que, aliás, não tem a profundidade que se espera; é um simples relato, sem profundidade psíquica ou sociológica.

— Promoção da Capelania Universitária realizou-se com sucesso "A Semana da Justiça e Paz". Nossos parabéns ao Pe. Birk.

— Para nossa satisfação e honra, conclui-se dia 6 último, o Congresso Internacional do Direito do Trabalho, a que compareceram diversas personalidades do mundo jurídico internacional Foi uma pena faltar espaço no Salão, mas, alguns entusiasmados assistiram as palestras até mesmo em pé

— A I: FAINCO continua em franco sucesso, as visitas e os cumprimentos se sucedem, partindo de todos. Nossos parabéns a turma de Engenheiros de 69, a idéia não poderia ser mais brilhante. e o sucesso menos inesperado.

Livraria ATLAS
Literatura Jurídica e
Literatura em geral
R. Felipe Schmidt

Acervo: Carlos Alberto Antunes Maciel

MOviMENTO

Florianópolis—Setembro de 1968

Manifesto aos Senhores dirigentes desta Nação

A Nação Brasileira tôda clama por liberdade, por conhecimento, por justiça e, no entanto, mais uma vez saindo às ruas, o estudante brasileiro foi vilmente acuado pela ação mortífera e demente das fôrças policiais.

Assim é, que não podendo omitir-nos ao desenrolar de tais iniquidades, manifestamo-nos eloquentemente não com o intuito de rogar complacência, de implorar perdão, mas sim exigir que cesse o jugo da ignorância. da incapacidade (do nosso ministro Tarso Poltrão) e da crueldade que retalha e martiriza êste país com as suas incoerências e arbitrariedades.

Que estado, que nação esta que devolve ao seu povo em bordoadas, sangue e prisões o suor de seus dias de trabalho?

Que govêrno êste que nos ludibria com ilusórias promessas de desenvolvimento, pretendendo encobrir os seus crimes e ineficácia?

Onde o verdadeiro caminho para a tranquilidade social: na repressão homicida policial ou no entrosamento lógico e honesto do govêrno com a Soberana Vontade do Povo?

Senhores, abandonai desde já suas ameaças e seus esquemas de massacre que a nossa pátria principia a engolfar-se com o sangue dos justos e dos jovens, que ainda vos esperam para o diálogo. Não destruí insanamente a única possibilidade de construirmos, um dia, um verdadeiro Brasil! as legiões de jovens idealistas e decididos que hoje vês taxais de subversivos e como tais são enquadrados idiotamente em legislações oligárquicas e opressoras...

Não transformai esta nação, vos aconselhamos, num rebanho de cordeiros submissos e momentâneos pois que, um dia, não resistirão mais êles à sua tirania...

Expulsai, enfim, definitivamente da sua companhia os corruptos chacais que não se pejam de chacinar os direitos do povo brasileiro ou instalem declarada, abertamente o regime que pretendeis e que, julgamos, somente o uso da força e da violência poderá sustentar.

Qual o crime que atribuis à juventude?

O fato de sua curiosidade e ânsia de saber haver descoberto nos horizontes do conhecimento e da Razão a possibilidade de vivermos sob o domínio e proteção de um Estado justo, liberto e libertador e de por êle batalharmos e com êle sonharmos, nós e também nossos pais?

Não sejais cegos que os jovens são seus filhos e o povo são seus irmãos a aguardar impacientes que retorneis às luzes da justiça!

A REDAÇÃO

Clero reacionário

Leocio G. Fontes

Boa parte do clero tem perdido últimamente (e de resto assim a história sempre contou) ótimas oportunidades de sacudir o pó dos anacronismos e integrar-se nas vidas de seus contemporâneos.

Os avanços são inexpressivos demais; se bem que dá um alívio ver que os Dons Sigauds e outros rançosos prelados já ultrapassaram até o ridículo e caíram no deboche.

Mas isso não autoriza embatinado nenhum a atribuir à Igreja ares de vanguardismo. As mais comezinhas questões sociais alevantadas por Leão XIII continuam empoeiradas nas gavetas. Sem falar nas teses comunistas de JoãoXXIII, como provou São Adhemar de Barros. A própria "Populorum Progressio" é um documento isolado que, como a "Quadragesimo Anno" de Pio XI, a "Mater et Magistra" e a "Pacem in Terris", não foi nem lido pela maioria dos padres (e isso porque é menos triste chamá-los de inoperantes por não terem lido do que de burros por não terem assimilado).

Assim, apenas uma minoria (como em tudo que acontece no mundo, afinal) preocupa-se verdadeiramente com o progressiva atualização da Igreja. Aquêles Papas são vozes pungentes, mas isoladas, incompreendidas. E mais incompreendidos sãos seus seguidores.

O Pe. Joseph Comblim, por exemplo, anda caçado no Recife como comunista que tritura duas criancinhas a dentadas em cada refeição e expele um bafo quente pelo naris. Pudera, foi-se meter a fazer um estudo teológioco da América Latina, e logo a pedido de Dom Hélder Câmara, cujos estudos e campanhas pelo país lhe têm valido uma pecha de "comuninista" que nem o Papa lhe arranca do lombo.

O coitado do Pe. Comblin não sabia que bode podia dar um estudo de sociologia examinado pelos decoradores de apostilas da Escola Superior de Guerra. Na sua despreocupação científica, devia haver um lugarzinho de málicia para não deixar nenhuma oportunidade de êsses decorebas ver os escândalos seguidos que se somam na América Latina.

Comblin fêz o seguinte: análise étnico-sociológico-teológica da América Latina, citando os disparates entre a elite branca e a pobreza das demais raças miscigenadas ; o êrro dos métodos desenvolvimentistas; afinidades da Igreja com o subdesenvolvimento; e finalmente recomendou tomada de consiência do clero , criação de um poder realizador das reformas sociais e de uma mentalidade científica.

Resultado: o serviço secreto do Exército distribuiu cópias de apontamentos (que nem tinham redação final) como perigosas teses de derrubada das proverbiais democraduras das "banana republics" e armou-se uma das mais famosas novelas do país.

A cúpula da Igreja tem certeza de que Comblin, com seus estudos, procura justamente roubar aos comunistas a bandeira das reformas sociais urgentes. Oficialmente, calou-se como também resignou-se tranquilamente à expulsão do Pe. Pierre Vauthier — padre operário acusado de "subservão" em São Paulo.

Enquanto a Igreja não perder essa política do nem cheira nem fede não terá autoridade moral nem para recriminar essa tal de "Sociedade Protetora da Tradição Escravocata, da Família Rica e da Prosperidade Latifundiária". No fundo, o clero em geral pensa assim.

Querem mostrar que não? Desengavetem a Rerum Novarum, Quadragesimo Anno, Mater et Magistra, Pacem in Terris e Populorum Progressio. E nada de excomungar a TFP: ela será justamente o divisor de águas, que atestará o maior avanço ou retrocesse da Igreja

Noticias

— Proferiu palestra no Salão Nobre desta Faculdade o Prof. W. J. Wagner, da Universidade Européia. O Prof. foi bastante admirado e aplaudido pelos que, atentamente, o ouviram.

— Por seu turno, a escritora Vera Tereza de Jesus, auto-

Continua na 7a. pagina

Acervo: Carlos Alberto Antunes Maciel